



**21^a SEMANA NACIONAL DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

*Ciência, saberes e biodiversidade:
UFRRJ e sociedade em conexão com os biomas brasileiros*



ÁREA TEMÁTICA

MEIO AMBIENTE

MUSEU DE ZOOLOGIA E UFRRJ: UMA HISTÓRIA EM COMUM

Thiago Ryan da Silva Mathias Lima¹, Ana Beatriz da Silva Campos², Cecília Bernardo de Albuquerque², Claiton Michel da Silva Munhoz², Laís Silva Gate², Lara Milani Martins², Luiz Gabriel Andrade Peixoto², Ana Claudia dos Santos Brasil³, André Padua^{3*}

¹Bolsista NAAC, Discente do Curso de Ciências Biológicas, ICBS/UFRRJ; ²Discentes do Curso de Ciências Biológicas, ICBS/UFRRJ; ³Professores do DBA/ICBS/UFRRJ; * Coordenador do projeto NAAC (PJ136-2024).

A coleção do Museu de Zoologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, é reconhecida pelo seu acervo que abrange uma grande diversidade taxonômica de animais de diversos biomas do Brasil. A história e contribuição formativa do Museu e sua coleção estão intrinsecamente ligadas à história da UFRRJ. No entanto, parte dessa história se encontra fragmentada e perdida em meio aos arquivos da Universidade. Dessa forma, o objetivo desse projeto é resgatar a trajetória do Museu de Zoologia, desde sua origem até seu atual momento, além de realizar a catalogação e manutenção das peças presentes em seu acervo. Até o momento, foram realizadas pesquisas em documentos históricos, reportagens e artigos científicos. Dentre os documentos analisados estão relatórios do Ministério da Agricultura para o Governo Federal, datados da primeira metade do século passado, relatando os primeiros anos da então Escola Nacional de Agronomia. Além disso, foram identificadas e analisadas fichas de compra e montagem de peças do acervo do Museu. A partir da análise dos documentos históricos, constatamos que o Museu de Zoologia foi criado para abarcar a coleção zoológica utilizada durante as aulas práticas da 8ª Cadeira (Zoologia Agrícola) da Escola Nacional de Agronomia (ENA), em 1934. Em seus primeiros anos, o Museu recebeu metade de uma coleção de ovos de aves e alguns espécimes de invertebrados, que ainda se encontram expostos e preservados no Museu de Zoologia. O primeiro professor que ocupou a 8ª Cadeira da ENA, foi o Professor Cândido Firmino de Mello Leitão Junior, grande zoólogo brasileiro. O Prof. Mello Leitão teve como preparador de museu Clodoaldo Pereira Devoto que posteriormente foi sucedido por Onézimo Ferreira Fraga. Em relação à catalogação do acervo, até o momento, foram catalogados 141 espécimes de aves e mamíferos da coleção exposta do museu. Destes, 33 peças possuem fichas associadas, sendo uma das mais antigas datado de 1913, evidenciando assim a importância da continuidade da manutenção do acervo para a conservação das peças. Fica evidente que o Museu de Zoologia e seu acervo tem uma importante relação com a história da UFRRJ desde antes do seu estabelecimento como Universidade, quando ainda era Escola Nacional de Agronomia. Ao longo desse tempo, a coleção desempenhou um papel formativo indispensável para muitos alunos que passaram pela Universidade. Portanto, a contínua manutenção das peças do Museu, bem como o resgate da sua história ainda se faz necessária, visto a importância do acervo para a história da Universidade e para a formação de futuros profissionais.

Palavras-chave: Coleção histórica, Coleção Zoológica, Escola Nacional de Agronomia.

PROJETO SOLOS ITINERANTES: EDUCAÇÃO EM SOLOS NA BAIXADA FLUMINENSE

Jackson Silva Montes¹, Ana Paula de Castro Gomes¹, Amanda de Oliveira Araújo¹, Marcia Braz da Silva Santos¹, Rafael da Silva dos Santos¹, Thainara da Silva Monteiro dos Santos¹, Sarah Lawall²

¹Discentes do Curso de Licenciatura em Geografia, IM/UFRRJ; ²Professora do DEGEO/UFRRJ.

Solos é um recurso natural vital para a manutenção da vida nos ecossistemas. Pensando na sua degradação mundial e necessidade de conservação, foi idealizado projeto de extensão para condução de temas científicos ligados aos solos a comunidade em geral. Assim, o projeto Solos Itinerantes: Educação em Solos na Baixada Fluminense foi criado e colocado em prática em 2021 com o intuito de oferecer a conscientização acerca dos solos por meio metodologias ativas e lúdicas. O objetivo principal é conduzir, de forma itinerante, oficinas lúdicas, interativas e integrativas em espaços formais e não formais a fim de sensibilizar a comunidade em geral para temas ligados a origem, evolução, uso e conservação dos solos. No projeto foi criada a soloteca: biblioteca de instrumento práticos, de baixo custo com confecção artesanal e própria do grupo para a prática nas oficinas. Nisto, uma vez convidado o grupo e nos espaços das oficinas, são praticadas as seguintes atividades: contação de histórias com mascotes (Solita, Regolita e Torrão) e avental de pedogênese e fatores de formação de solos, é montada uma mesa de propriedades físicas dos solos com colorteca (coleção de cores distintas de solos), solo magnético, caixa de evolução temporal, caixas de texturas, caixa de rochas e minerais, acervo de livros. Também se monta a estação de jogo de memória com temas ligados a própria oficina ministrada e apresenta-se o almanaque pedológico. Envolvendo artes, realiza-se dorodango (formação de bolas de barro) e as pinturas com geotintas, que fecham as atividades usando a criatividade e multissensorialidade. Nossas oficinas são essencialmente integrativas e inclusivas. Elas são agendadas via rede social @soloteca.ufrrj (instagram) e correio virtual onde o requerente entra em contato e fazemos o agendamento. A organização de todo processo é realizada pelos discentes do Curso de Geografia, que hoje totalizam 1 bolsista da PROEXT UFRRJ e 11 voluntários e a professora orientadora, Sarah Lawall. Itinerante pelo deslocamento realizado, integrando universidade e comunidade e de forma totalmente autônoma. Como resultados, até o presente momento, o projeto registrou mais de 2000 oficineiros distribuídos entre os municípios da Baixada Fluminense como Nova Iguaçu, Mesquita, Nilópolis, Belford Roxo, Queimados, Seropédica, São João de Meriti, estendendo para o Rio de Janeiro, no Morro da Providência, Ipanema e Irajá. Perspectivas para que o projeto possa ampliar a escala a partir de novos convites e área de abrangência, além de outras práticas que serão incorporadas e estão em processo de produção, o que potencializará a dinâmica das oficinas e os temas acerca dos solos. Conclui-se que além da formação de novos “protetores” do solos, o nosso grupo ganha na comunicação extensiva e troca de saberes entre os discentes, espaços de atuação e a vivência dos oficineiros.

Palavras-chave: (solos itinerantes, oficinas lúdicas, pedologia)

“QUEM VIVE DE PASSADO É MUSEU!” SERÁ? MUSEU DE ZOOLOGIA DA UFRRJ: UM CAMINHO PARA O CONHECIMENTO ATUAL E FUTURO DA DIVERSIDADE ANIMAL

Naíse Chales Lins¹, Alice Oliveira da Cruz², Camille Moreira de Oliveira Diniz², Carlos Eduardo Simão Pontes², Luiz Carlos Dias de Carvalho², Sjack Silva Machado², Ana Claudia dos Santos Brasil³, André Padua^{3*}

¹Bolsista BIEXT/PROEXT, discente do Curso de Ciências Biológicas, ICBS/UFRRJ; ²Discentes voluntários do Curso de Ciências Biológicas, ICBS/UFRRJ; ³Professores do DBA/ICBS/UFRRJ; *orientador do projeto (PJ063-2024)

O Museu de Zoologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (MZUFRRJ) possui um rico acervo representativo da diversidade animal brasileira e mundial que, ao longo dos anos, tem sido essencial para as atividades didáticas dos Cursos de Ciências Biológicas. Contudo, o valor dos museus para a educação não formal e conscientização sobre a diversidade zoológica é frequentemente subutilizado. Portanto, através da sua utilização como espaço não formal de ensino e a sua atuação nas mídias sociais, o MZUFRRJ apresenta importante papel no processo de divulgação científica e conscientização da população, promovendo integração com público acadêmico e geral, contribuindo para o letramento científico. O projeto tem como objetivo principal aumentar a acessibilidade e a visibilidade do MZUFRRJ, por uma programação que inclui: (1) Estabelecer um calendário regular de visitas ao Museu; (2) Organizar exposições permanentes e itinerantes sobre diversidade zoológica; (3) Desenvolver e divulgar materiais informativos e educativos físicos e digitais, e promover o Museu nas redes sociais; (4) Promover atividades educativas que envolvam a comunidade interna e externa contribuindo com o letramento científico através de eventos acadêmicos e culturais. O projeto corresponde aos objetivos de forma prática e dinâmica, tornando a experiência proveitosa para seus visitantes e colaboradores, realizando: (1) Agendamento de visitas escolares por e-mail e mantendo horários regulares de funcionamento do Museu. (2) Utilização do espaço físico do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde (ICBS), como corredores e jardim central, realizando, por exemplo, o uma intervenção artística para a SNCT. (3) As atividades planejadas englobam a catalogação e digitalização do acervo do Museu; renovação das etiquetas e elaboração de fichas com informações adicionais às etiquetas. Além da criação de materiais didáticos, como jogos e atividades lúdicas dada a parceria com estudantes de Licenciatura da Biologia, que realizam o Estágio IV - Espaço não formal de ensino, no Museu. Adicionando-se a constante comunicação com o público através das redes sociais. (4) Participação em palestras, minicursos e eventos acadêmicos, como a Semana Rural, a SEMBIO - Semana Acadêmica da Biologia e as Semanas de Integração dos Cursos de Graduação. Entre março a agosto de 2024 o MZUFRRJ recebeu

1.306 visitantes e 23 escolas, sendo apenas na Semana Rural, 748 pessoas de 20 instituições de ensino. Nas redes sociais, alcançamos 6,4 mil contas, chegando a 1.410 seguidores. O MZUFRRJ também tem parcerias com disciplinas dos cursos de graduação, como a Zoologia Geral e Ilustração Científica, tendo a última realizado uma exposição dos trabalhos dos estudantes no Museu. Ademais, ao longo deste ano estão sendo confeccionadas novas etiquetas dos mamíferos presentes no Museu que correspondem a cerca de 17% do acervo. Ao destacar o MZUFRRJ como recurso educacional e cultural, promovendo uma interação com o acervo zoológico, o projeto não só reforça a importância dos museus na educação, mas também contribui para o aumento do letramento científico, e formação de futuros educadores e pesquisadores.

Palavras-chave: Espaço não formal em educação, letramento científico, diversidade zoológica, educação em ciências.

GERAÇÃO E DIFUSÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE OS EFEITOS DAS PARCERIAS DE APOIO AO USO PÚBLICO EM PARQUES: OFICINA PARA A CONSTRUÇÃO PARTICIPATIVA DO SISTEMA DE MONITORAMENTO

Ana Clara Vidal Tomé de Aguiar¹; Brenda Evelyn Chiaromonte Barreto²; Camila Gonçalves de Oliveira Rodrigues³

¹Bolsista de extensão UFRRJ, Discente do curso de Turismo/UFRRJ, Pesquisadora do OPAP, ²Bolsista de Iniciação Científica CNPq, Voluntária de extensão UFRRJ, Discente do curso de Turismo/UFRRJ, Pesquisadora do OPAP, ³Professora Associada do curso de Turismo, DAT/UFRRJ, Coordenadora do Observatório de Parcerias em Áreas Protegidas.

Este projeto visa apoiar as ações realizadas pelo Observatório de Parcerias em Áreas Protegidas (OPAP) por meio do projeto de pesquisa “Sistema de monitoramento de parcerias entre as esferas pública e privada para a promoção do lazer e do turismo em unidades de conservação”, contemplado no edital Universal CNPq/2023. O projeto tem como uma de suas contribuições a construção participativa de um quadro de indicadores para compor o monitoramento das parcerias. Para tanto, foi realizada, em agosto de 2024, uma oficina com a participação de pesquisadores do OPAP e gestores de unidades de conservação (UCs) da esfera federal e estadual. Na ocasião, foram compartilhados os resultados preliminares do projeto, bem como as experiências, os desafios e as demandas dos gestores para o aprimoramento do monitoramento das parcerias. Esta iniciativa visa apoiar os órgãos gestores no acompanhamento dos resultados das parcerias e na análise dos impactos na dinâmica de visitação nas UCs e territórios adjacentes. Durante a oficina, foi realizado um exercício para a construção de indicadores categorizados nas dimensões: ambiental, histórico-cultural, institucional e socioeconômico. Além disso, foram apresentadas e discutidas propostas de ferramentas e estratégias de monitoramento para a coleta de dados, respeitando as realidades de cada unidade área e evitando a sobrecarga de trabalho para os gestores. Como desdobramento desta etapa do projeto, os pesquisadores envolvidos apresentaram cronogramas e procedimentos de pesquisa que deverão ser adotados nas UCs envolvidas no projeto. A oficina e as demais reuniões do projeto para promover o diálogo e a construção conjunta com os órgãos gestores compõem as atividades de extensão que visam assegurar que as especificidades e necessidades locais sejam consideradas por meio de um processo participativo, visando melhorar a gestão das UCs. A pesquisa desenvolvida pelo OPAP, aliada às atividades de extensão do grupo, reflete a complexidade das interações entre gestores públicos, esfera privada, organizações da sociedade civil e demais agentes envolvidos nas parcerias. Os resultados preliminares apontam para o potencial significativo para a construção de um sistema de monitoramento continuamente aprimorado, promovendo o controle social (MORO et al., 2023) e o maior conhecimento sobre os resultados e impactos das parcerias. Neste sentido, o projeto destaca a importância de se medir a efetividade das parcerias a partir de aspectos como percepção de visitantes e comunidades locais, além de evidenciar a necessidade do diálogo contínuo entre gestores e comunidades para um modelo de gestão que respeite direitos sociais e valorize a cultura local.

Palavras-chave: monitoramento, parcerias, unidades de conservação, indicadores.

GESTÃO DE TRILHAS PARA A CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

Bruno Henrique Ferreira Machado¹, Karine Bueno Vargas²

¹Discente e bolsista do Programa de Pós-Graduação em Geografia, PPGGEO/UFRRJ; ²Docente do Departamento de Geografia da UFRRJ.

O objetivo desta oficina é ampliar as discussões sobre a necessidade de gestão eficaz de trilhas para a conservação da biodiversidade, reconhecendo as áreas potenciais para implementação de trilhas na unidade de conservação, contribuindo assim com o seu Plano de Uso Público. A metodologia se desenvolve através da elaboração de oficinas de mapeamento de forma participativa, onde instituição e sociedade possam contribuir de maneira justa na proposta de um novo arranjo para a unidade de conservação (UC). Ao final do curso que contará com trabalho de campo, por meio de mesa redonda e questionários quali-quantitativos, se desenvolverá uma consulta técnica da UC e consulta popular para a elaboração de um inventário de todas as trilhas, com as delimitações de zonas onde as trilhas têm potencial para desenvolver atividades ecopedagógicas, e indicar também quais não tem potencial, a fim de não prejudicar a dinâmica ecossistêmica. Após levantamento, os dados coletados servirão de base para a construção dos mapas e do inventário. Essa abordagem tem como base uma revisão bibliográfica sobre o histórico da unidade e a importância da gestão de atividades de visitação em UCs de forma controlada e planejada. Um dos motivos principais para a escolha da Flona Mário Xavier é a relevância da sua biodiversidade para a ecologia regional, por abrigar espécies endêmicas que influenciam diretamente na dinâmica ecossistêmica no município de Seropédica, bem como, pela necessidade de se discutir a temática conservação na sociedade. A partir do mapeamento levantado, ele será apresentado ao conselho gestor da unidade, a fim de se cumprir o objetivo de propor as trilhas com maior viabilidade de visitação. O principal benefício da produção desse material é a possibilidade de uma gestão com ações mais inclusivas a ser ofertada a sociedade, garantindo o direito de lazer e acesso a natureza e atendendo a uma demanda cada vez mais urgente de redução dos impactos socioambientais, alcançando princípios da sustentabilidade, e reforçar a importância da UC como espaço de promoção de educação ambiental em espaços não formais.

Palavras-chave: Mapeamento; Plano de Manejo; Gestão de Trilhas; Uso Público

SOLOTECA: A IMPORTÂNCIA DOS INSTRUMENTOS PRÁTICOS PARA AS OFICINAS DE EDUCAÇÃO DE SOLOS

Jackson Silva Montes¹, Ana Beatriz Valerio do Bomfim¹, Washington Rangel Monteiro Júnior¹, Fabio Bezerra Sales Neto¹, João Vitor dos Santos Andrade¹, Marcus Vinicius Silva de Jesus², Sarah Lawall³

¹Discentes do Curso de Licenciatura em Geografia, IM/UFRRJ; ²Pós-graduando do PPGGEO/UFRRJ, ³Professora do DEGEO/UFRRJ.

O Grupo de Extensão Solos Itinerantes foi criado com intuito de conduzir a educação em solos para espaços formais e não formais de educação, a partir de metodologia lúdica e principalmente prática. Objetivo é sensibilizar e conscientizar diferentes atores da sociedade para a importância da conservação dos solos. O projeto, criado em 2021, partiu da inquietude da forma como o tema “solos” era colocado nos livros didáticos e ensinado na disciplina de Geografia. A maior parte do ideário acerca das funções dos solos é voltado para produção de alimentos, ou seja, como recurso natural. Porém, de onde vem o solo? A partir deste questionamento o grupo de extensão voltou-se para a formação da soloteca, que trata-se de uma coletânea de instrumentos aplicados nas oficinas mas que trouxesse temas variados voltados aos solos como corpo natural, produto da combinação de fatores da paisagem. Assim, incorporou-se a pedogênese, processos pedogenéticos, formação de perfil, propriedades morfológicas e físicas, crescimento do manejo e conservação. Toda soloteca foi confeccionada com produtos naturais, reciclados ou de baixo custo, além de doações. Dentre os instrumentos, destaca-se: os bonecos de crochê para contação de história, avental pedológico feito com E.V.A. para lecionar os fatores de formação, evolução de perfil em caixas de madeira usando rochas, solos e grama sintética, perfis de solos em vidros de aquários, caixas de textura com potes de doces pintados com tinta preta para evitar o contato visual e aguçar o tato com diferentes texturas, a colorteca com 30 amostras de cores diferentes de solos em tubos de plástico usados para balas, dentre outros que utilizam diretamente o solo, como as geotintas, com solos, água e cola branca. Todo material é levado para oficinas itinerantes, agendadas pelas mídias digitais (email e instagram @soloteca.ufrrj) onde o grupo uma mostra científica e oferta de oficinas em rodízio dos participantes nas diversas atividades, da contação de história as pinturas livres com as geotintas. Hoje o grupo pode ofertar até 11 atividades distintas em uma só oficial. Até o presente momento, foram atendidos mais de 2000 oficineiros desde o primeiro segmento do ensino básico ao superior e comunidade em geral, percorrendo nos municípios da Baixada Fluminense e Rio de Janeiro. A multissensorialidade foi desenvolvida a partir dos estímulos e contato direto com produtos que aguçam o questionamento dos oficineiros para os temas amplos sobre solos. Houve a construção do conhecimento a partir da observação, manuseio, produção de material, experimentação e pelas artes, nas pinturas livres. Ao final de cada oficina, há formação de novos protetores dos solos que recebem o adesivo (distintivo) para os participantes. A sensibilização pedológica é construída entre os instrumentos da solotecas, mediados pelos voluntários, discentes do curso de Licenciatura em Geografia, e os participantes das oficinas, que por sua própria natureza são inclusivas, ativas e lúdicas. A soloteca, em expansão, é a base do projeto de extensão Solos Itinerantes: educação em solos na Baixada Fluminense permitindo que seja acionada e os instrumento selecionados conforme o perfil e quantitativo dos oficineiros.

Palavras-chave: (solos itinerantes, oficinas lúdicas, pedologia)

COLEÇÃO ENTOMOLÓGICA DO CAMPUS DE TRÊS RIOS

Hévora Suian de Sousa Oliveira¹, Júlia Carvalho de Melo Silva², Hugo Neves Martinho³, Fábio Souto de Almeida⁴,
Ângela Alves de Almeida⁴

¹Discente do curso de Gestão Ambiental, DCMA/UFRRJ/Bolsista do NAAC, ² Discente do curso de Gestão Ambiental, DCMA/UFRRJ/ Colaboradora do LAECTR, ³Discente do curso de Gestão Ambiental DCMA/UFRRJ/ Bolsista de Iniciação Científica; ⁴Professores do DCMA/ITR/UFRRJ.

A Classe Insecta possui o maior número de espécies dentre todos os grupos de seres vivos, com expressiva abundância de indivíduos e elevada diversidade de comportamentos, ocorrendo nos mais variados tipos de ambientes, existindo inclusive muitas espécies de insetos sinantrópicos. Em função destas características, estes animais são importantes do ponto de vista ecológico, mas também econômico e de saúde pública. A produção de conhecimento científico sobre os insetos possibilita o planejamento de estratégias para conservar as espécies e minimizar os possíveis danos que provoquem. Além de gerar conhecimento, é importante disseminar as informações sobre os insetos e permitir a democratização das pesquisas sobre eles. As coleções entomológicas auxiliam nessas tarefas e ainda contribuem para a indexação de saberes. A Coleção Entomológica do Campus de Três Rios (CECTR) tem o objetivo de manter material biológico da Classe Insecta tratado, conservado e documentado, podendo ser acessado em casos de pesquisa, prestação de serviços, ensino e extensão. Milhares de insetos podem ser mantidos na CECTR, os quais foram coletados principalmente no bioma Mata Atlântica e já foram utilizados em atividades de ensino do curso de Graduação em Gestão Ambiental, do Instituto Três Rios da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Também foram utilizados em pesquisas científicas sobre o efeito de fatores ambientais na biodiversidade, em estudos sobre a diversidade de insetos em áreas cultivadas, dentre outras, e foram ainda apresentados à discentes do ensino fundamental e médio em atividades de extensão realizadas pela UFRRJ. Destaca-se que atualmente a disciplina TR605 - Entomologia Aplicada à Gestão Ambiental é oferecida aos discentes do curso de Gestão Ambiental, ITR/UFRRJ. A CECTR pode manter insetos na fase jovem e na fase adulta. A coleção é mantida por professores e discentes da UFRRJ e inclui espécimes das ordens Blattodea, Coleoptera, Diptera, Ephemeroptera, Hemiptera, Hymenoptera, Lepidoptera, Orthoptera, Plecoptera e Trichoptera, dentre outras. Além disso, o acervo e informações acerca dos insetos são divulgadas em redes sociais da coleção e em especial nas Semanas Nacionais de Ciência e Tecnologia desde o ano de 2018. Diante do exposto é possível inferir que a CECTR contribui para salvaguardar e disseminar relevante conhecimento sobre os insetos, em especial do bioma Mata Atlântica.

Palavras-chave: biomonitoramento, diversidade, divulgação científica e ecologia.

POSTER: CORAL DA MATA - O USO DE RECURSOS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM HERPETOLOGIA

Giselle Rocha Bittencourt¹, Iago Ferraz de Oliveira Silva¹, Luana Montenegro Barbosa,¹ Kethellen Vitória da Silva Ferreira¹, Victor Perrotta Filgueiras¹, Patrícia Alves Abrunhosa²

¹Discente do Curso de Ciências Biológicas, ICBS/UFRRJ; ²Professora do DBA/ICBS/UFRRJ.

A herpetologia é o ramo da zoologia dedicado ao estudo dos anfíbios e répteis, animais que representam uma vasta diversidade e que ocupam os mais variados ambientes, desempenhando papéis ecológicos fundamentais. Hoje, a herpetofauna também enfrenta ameaças significativas à sua conservação, principalmente associadas à ação antrópica e à falta de informação. O uso crescente das mídias digitais, que refletem na expansão das redes sociais, tem se mostrado um aliado potencial na conservação e no alcance da educação ambiental. A divulgação científica tornou-se mais acessível e difundida, de forma que a produção e o consumo de conteúdos tornaram-se mais corriqueiros. O Brasil ocupa o terceiro lugar no ranking mundial de tempo diário gasto em redes sociais. Nesse contexto, foi criado o perfil @coraldamataufrj no Instagram e iniciou-se um projeto de divulgação científica e educação ambiental em herpetologia. O projeto objetiva contribuir para a educação ambiental, divulgação científica e desmitificação de saberes quanto à história natural, ecologia e comportamento da herpetofauna, através da produção de textos, imagens e vídeos informativos compartilhados no Instagram, visando atingir um público diverso. A primeira publicação do perfil ocorreu no dia 09 de Março de 2024. Um logotipo foi elaborado, baseado em animais emblemáticos da região. Os conteúdos foram desenvolvidos a partir de revisão da literatura científica e posteriormente sintetizados e adaptados para uma linguagem acessível, sendo transformados em cards digitais utilizando o website Canva®. Foram gravados vídeos como uma alternativa de mídia. A interação com o público foi promovida através de postagens, enquetes e comentários, criando um ambiente de aprendizado contínuo e troca de informações. Após seis meses, foram obtidas as estatísticas de engajamento disponibilizadas pelo Instagram. Com 666 seguidores até o momento, conforme os dados fornecidos pelo Instagram, os conteúdos foram entregues para 30.058 usuários. Os cards e vídeos receberam 13.620 interações de usuários. Os vídeos somaram 34.579 visualizações. O crescimento estimado para o perfil, de acordo com a plataforma, é de até 18% por mês. Os números indicam que o projeto tem sido bem sucedido, despertando uma interação ativa do público, que consome o conteúdo e participa comentando, respondendo enquetes, perguntando e sugerindo temas. A expectativa de crescimento e de alcance contínuo é positiva, com base nas estimativas da plataforma e no potencial identificado pelos autores. As redes sociais e mídias digitais tornaram-se partes relevantes do mundo contemporâneo, assim como a urgência de incentivar a educação ambiental e a divulgação científica. Por isso, a interseção entre esses elementos se mostra como um potencial interessante a ser explorado nos mais diversos campos de conhecimento. Isso foi evidenciado pelos números do perfil @coraldamataufrj, que mostram um bom alcance do conteúdo e estimulam a manutenção e expansão do projeto, com o objetivo de alcançar ainda mais pessoas e expandir os conhecimentos sobre herpetologia para além dos muros da Universidade.

Palavras-chave: (herpetologia, internet, rede social, educação, ciência)

DO LIXO AO LUXO! QUAIS SÃO OS ORGANISMOS QUE VIVEM NO LIXO DAS PRAIAS?

Luiz Gabriel Andrade Peixoto¹, Ana Claudia dos Santos Brasil²

¹Discente do Curso de Ciências Biológicas, ICBS/UFRRJ; ¹Bolsista BIE X UFRRJ, ²Professora do DBA/ICBS/UFRRJ.
² Professora Coordenadora do Projeto ICBS/UFRRJ

Atualmente observa que a contaminação nas praias por resíduos sólidos flutuantes ou não é um problema global que vem se intensificando nos últimos anos. Esse material interage com o ambiente e em especial com os organismos marinhos que ali vivem. Muitos desses resíduos, principalmente os flutuantes, acabam servindo de superfície disponível para várias espécies em especial os organismos conhecidos como incrustantes. Que basicamente são organismos que se assentam nesses substratos artificiais ou naturais e tem sua permanência em seu ciclo de vida. Apesar desse processo ocorrer naturalmente, a alta durabilidade desses resíduos, proporciona a dispersão das espécies, o que pode acarretar em bioinvasão. Precisamos desmitificar algumas questões para a sociedade sobre organismos e suas funções nos ecossistemas e também promover divulgação científica, evitando alarmes desnecessários para a população. O presente projeto pretende contribuir com produtos que possam informar de forma positiva com o que entendemos como responsabilidade social da Universidade. Para alcançar nosso objetivo escolhemos algumas praias da Costa verde que apresentam interação antrópica e regiões portuárias. Os resíduos sólidos encontrado nesses locais serão levados ao laboratório, fotografados e separados, tendo os organismos identificados e separados por resíduo que foram encontrados. A divulgação e informação será feita pelo Instagram @lixoaoluxo_ufrj, através de postagens sobre nossas saídas de campo, ecologia de animais encontrados e informações sobre os resíduos encontrados, em 3 meses temos um total de 105 seguidores, e muitas interações com curtidas e comentários, além da divulgação nas rede social cartazes foram colados fora da Universidade para informar sobre nosso projeto, e esperamos receber um retorno positivo. O resíduo mais encontrado com organismos incrustados foi a argila proveniente de blocos fragmentados de tijolo, piso de cerâmica, vidros, correia ou tira de chinelo de borracha. A diversidade varia, sendo os mais comuns cracas (Cirripedia) e "polychaetas" (Annelida) de diversas famílias. Até o momento do desenvolvimento do trabalho observamos que os resíduos proporcionam maior disponibilidade de substrato para incrustação, sendo um ponto positivo, entretanto tais materiais ao sofrerem degradação do meio, liberam micropartículas que podem se alojar em várias partes do ambiente, além de se forem flutuantes causar uma dispersão indesejada causando bioinvasão.

Palavras-chave: (Incrustação, resíduos sólidos, resíduos flutuantes)

GUARDA COMPARTILHADA FLONA MÁRIO XAVIER: EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM AÇÃO

Larissa Helena Araújo de Almeida Santos¹, Yasmin Rodrigues Macedo¹, Karine Bueno Vargas²

¹Discentes do Curso de Geografia, bolsista e voluntária BIEXT, ²Professora do DGG/PPGEO/IGEO/UFRRJ.

A Floresta Nacional Mário Xavier (FLONA MX) é uma unidade de conservação federal localizada no estado do Rio de Janeiro, no município de Seropédica, pertencente a região da Baixada Fluminense. A FLONA MX está situada em uma área originalmente coberta pela Mata Atlântica, desempenhando um papel crucial na proteção da flora e fauna remanescentes, além de servir como um laboratório natural para pesquisas científicas e um espaço para o desenvolvimento de atividades educativas. Os principais objetivos desta UC incluem o manejo sustentável, a pesquisa científica, educação ambiental e proteção da biodiversidade. Na FLONA Mário Xavier desde 2018 e realizado ações de educação ambiental pelo Programa de Extensão Guarda Compartilhada Flona Mário Xavier, em parceria com o Grupo de Estudos em Biogeografia e Dinâmica da Paisagem, vinculado ao Laboratório Integrado de Geografia Física Aplicada, do Departamento de Geografia da UFRRJ, tendo seu nome atrelado a ideia de gestão compartilhada da UC com a sociedade. O programa tem como objetivo apresentar e aproximar a FLONA Mário Xavier dos moradores do município de Seropédica por meio da educação ambiental, integrando a comunidade local a este patrimônio histórico, cultural e ambiental. Além disso, o programa também tem como objetivo sensibilizar a população sobre a importância da conservação desse espaço, apresentando a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos desta floresta urbana a toda a comunidade. Como subprojeto pelo BIEXT 2024, intitulado “Guarda Compartilhada Flona Mário Xavier: Educação Ambiental em Ação” se propõe uma vez por mês, receber alunos de escolas públicas, os quais são levados para a FLONA Mário Xavier por meio de uma parceria com a Secretaria de Educação Municipal de Seropédica, buscando os estudantes na escola e os levam até a UC, para realizar uma trilha sensorial e conhecer a importância desse espaço para o município por meio de um roteiro biogeográfico, organizado pelo programa, com explicações dos discentes da UFRRJ, que fazem parte da equipe de voluntários, sendo treinados como monitores ambientais, sob orientação da coordenadora do programa. Além das atividades de trilhas, o programa organiza eventos ambientais, como a II Semana da Biodiversidade, que ocorreu de 20 a 23 de maio de 2024, aberto para a população, que teve como objetivo celebrar o Dia Internacional da Biodiversidade por meio de palestras, oficinas, trilhas, plantio de mudas da Mata Atlântica e mostra de projetos ambientais e UCs da Baixada, tendo como convidados o Parque Municipal Natural Barão de Mauá, Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu, Rebio Tinguá, PET Floresta, Colher Urbano, Solos Itinerantes, LIGA, dentre outras participações, com um total de mais de 500 participantes. Ainda é prevista para 2024 a comemoração do aniversário da Flona MX, com plantio de mudas e participação de escolas. Esta parceria entre UC e universidade, possibilita transformar esta floresta em um espaço de aprendizado, por meio da indissociabilidade da pesquisa, ensino e extensão, contribuindo para a formação dos estudantes, para a gestão da UC, para a conservação das espécies que ali vivem e para a qualidade de vida da população, além de contribuir para a efetivação dos objetivos do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

Palavras-chave: EDUCAÇÃO AMBIENTAL, UNIDADE DE CONSERVAÇÃO, BIODIVERSIDADE.

HERBÁRIO FITOPATOLÓGICO VERLANDE DUARTE SILVEIRA

Gabriela Rodrigues Teixeira¹, Bruno de Souza Baptista², Ana Lidia Xavier de Melo³, Carlos Antonio Inácio⁴

¹Bolsista NAAC-PROEXT, Discente do Curso de Agronomia; ²Bolsista PDAI, Discente do Curso de Agronomia; ³Bolsista de Iniciação Científica FAPERJ, Discente do Curso de Engenharia Florestal, ⁴Professor do DEnF/UFRRJ.

Um herbário fitopatológico é uma coleção organizada de espécimes de plantas e patógenos, como fungos, bactérias e nematoides, que desempenha um papel fundamental na pesquisa científica e no conhecimento sobre doenças de plantas. O Herbário Fitopatológico Verlande Duarte Silveira, situado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), é um dos mais antigos do Brasil. Este herbário possui um acervo rico de espécimes coletados por renomados fitopatologistas, incluindo Josué Deslandes, Heitor Vinicius da Silveira Grillo, Octavio de Almeida Drummond, André Maublanc e Eugenio Rangel. Herbários como este são essenciais para a fitopatologia, pois permitem a identificação e comparação de novos patógenos com espécimes antigos, ajudando na detecção de doenças e no estudo de suas características taxonômicas. Além disso, a análise dos espécimes no banco de dados frequentemente revela informações desconhecidas, que podem ser reportadas à comunidade acadêmica. No Herbário Verlande Duarte Silveira, as fichas de coleta são analisadas e digitalizadas em um banco de dados, onde são registrados o nome do patógeno, local de coleta, nome do coletor, data da coleta, hospedeiro, órgão atacado, por quem foi determinado e o estado onde foi coletado. Posteriormente, o material é retirado do acervo para que seja avaliado o estado de preservação dos espécimes, sendo analisada a presença do patógeno e a condição geral do material. Esses dados obtidos permitem oferecer informações, como frequência por estado e quais filos (divisão) e famílias são mais prevalentes. Tal processo é essencial para garantir a integridade dos espécimes e assegurar que as informações estejam acessíveis para consultas futuras por estudantes e pesquisadores. O herbário tem por objetivo a preservação de amostras que contribuem para a história e ciência na área de fitopatologia, além de viabilizar informação para a universidade e comunidade. Os dados obtidos mostram uma predominância significativa de fungos como principais patógenos, fornecendo informações valiosas sobre sua atuação em diferentes hospedeiros, além de sua frequência por estado, família e filogenia. Informações obtidas são então apresentadas em congressos e simpósios, a fim divulgar o acervo e aumentar a visibilidade do herbário e da universidade. Por fim, o herbário desempenha um papel essencial na continuidade dos trabalhos de pesquisa fitopatológica/micológica e na conservação de espécimes históricos, sendo este um recurso valioso para o conhecimento e avanço científico.

Palavras-chave: Herbário fitopatológico, Patógenos, Preservação, Pesquisa Científica.